

## GÊNERO, TRABALHO E INTERAÇÃO NOS MEIOS TÉCNICOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE REDES DE DORMIR DE SÃO BENTO-PB\*

**Rosalvo Nobre CARNEIRO**

Doutor em Geografia e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN, Brasil. [rosalvonobre@uern.br](mailto:rosalvonobre@uern.br)

**Karlla Christine Araújo SOUZA**

Doutora em Sociologia e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN, Brasil. [karlla\\_chris@yahoo.com.br](mailto:karlla_chris@yahoo.com.br)

**Resumo:** As transformações no mundo do trabalho ocorridas, desde a década de 1970, afetam diferentemente os países, as atividades produtivas e as cidades nos seus interiores. Assim, a indústria têxtil de São Bento-PB, sertão da Paraíba, é especializada na fabricação de redes de dormir, apresentado, pois clara interação social entre homens e mulheres, sendo que mediada pelo trabalho no interior das fábricas e no processo de produção geral. Dessa forma, a estrutura interacional de gênero é resultado e condição social/histórica do desenvolvimento da indústria têxtil. Inicialmente, como artesanato, em seguida como manufatura e, por fim, indústria mecanizada. Para entender esta realidade, baseamo-nos nos estudos de Carneiro (2006, 2011a) e entrevistas orais realizadas em maio de 2013, com mulheres rendeiras. Neste contexto proletário, as mulheres foram perdendo espaço historicamente no interior da unidade produtiva, sendo que, hoje, um lugar profundamente masculino, ao passo que seu lugar neste sistema produtivo geral, elas vêm sendo reorientadas pelos avanços do meio técnico-científico-informacional de São Bento-PB com implicações nas suas subjetividades.

**Palavras-chave:** Trabalho. Gênero. Meios técnicos. Redes de dormir. São Bento-PB.

## TRABAJO, GÉNERO E INTERACCIÓN EN EL MEDIOS TÉCNICOS DE LA INDUSTRIA TEXTIL DE HAMACAS SÃO BENTO-PB

**Resumen:** Las transformaciones en el mundo del trabajo que han ocurrido desde el 1970 afectan diferentemente los países, las actividades productivas y las ciudades en sus interiores. La industria textil de San Benito, la frontera de Paraíba, está especializada en la fabricación de hamacas presentada clara convivencia entre hombres y mujeres en el trabajo mediado por la fábrica y el proceso de producción. Esta estructura de interacciones del género es el resultado del desarrollo histórico y la condición de su industria textil, inicialmente como arte, como fabricación y finalmente mecanizada de la industria. Para entender esta realidad, basada en los estudios del Carneiro (2006, 2011a) y entrevistas orales en 2013 con mujeres de hamacas. Las mujeres han perdido históricamente espacio dentro de la unidad de producción, siendo en la actualidad un lugar profundamente masculino, mientras que su lugar en el sistema de producción general, se ha visto amenazada por los avances del medio científico-técnico-informacional.

**Palabras claves:** Trabajo. Género. Medios técnicos. Hamacas. Sao Bento-PB.

## WORK, GENDER AND INTERACTION IN THE ENVIRONMENTS OF THE TEXTILE INDUSTRY OF HAMMOCKS DE SÃO BENTO-PB

**Abstract:** the transformations in the world of work that have occurred since the 1970s affect differently the countries, the productive activities and the cities in its interiors. The textile industry of São Bento, the border of Paraíba, specialized in the manufacture of hammocks presented clear social interaction between men and women within the work mediated by the factory and the production process. This interactional structure of genre is the result of historical development and condition of its textile industry, initially as craft, as manufacture and finally mechanized industry. To understand this reality, based on the studies of Author (2006, 2011a) and oral interviews held in May 2013 with hammocks women craft. Women has historically lost space within the production unit, being today a place with major male production, while their place in the general production system, has been reoriented by the advances of the scientific-technical-informational environment with implications for their subjectivities.

**Keywords:** Work. Genus. Technical environment. Hammocks. São Bento-PB.

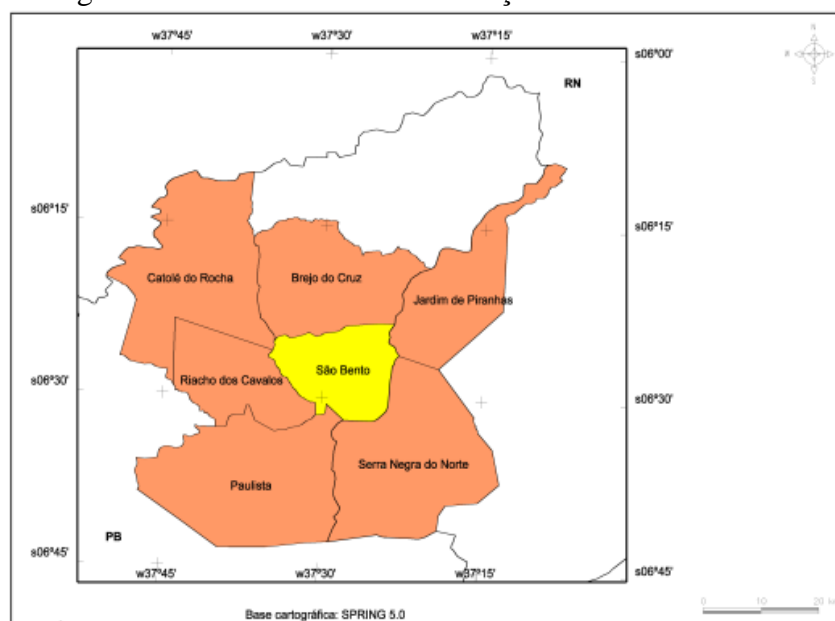
---

\* Este texto é resultante de desdobramentos de estudos anteriores, especialmente Carneiro (2006, 2011a, 2011b), e pesquisa de campo realizada em maio de 2013.

## 1 Introdução

A indústria têxtil de São Bento-PB, município localizado no sertão da Paraíba, na divisa com o Estado do Rio Grande do Norte-RN, (Figura 1), distante 400 km da capital João Pessoa – PB, é especializada na fabricação de redes de dormir, embora que outros produtos sejam substitutos, também, por esta atividade econômica supracitada, a exemplo: dos panos de prato, dos panos para limpeza, dos cobertores, das toalhas, etc. Ou seja, trata-se de um município com 30.879 habitantes, em 2010, sendo que 25.040 residia na zona urbana e apenas 5.839, na zona rural (IBGE, 2010). A razão entre os gêneros é baixa. Desse total de 97,2, o total de mulheres, 15.699 e de homens, é de 15.220 (IBGE, 2010), ou seja, o primeiro é ligeiramente superior.

Figura 1 – São Bento-PB: Localização e limites territoriais.



Assim sendo, a estrutura populacional e de gênero é resultado da condição histórica do desenvolvimento da indústria têxtil local. Inicialmente, como artesanato. Em seguida, enquanto manufatura e, por fim, a indústria mecanizada. Diante disto, empregamos a periodização para este estudo, já aplicada em trabalhos anteriores de Carneiro (2005, 2006), para a produção do espaço de São Bento-PB, que considerou a evolução conjunta do meio geográfico e da indústria têxtil no tempo. Assim, sucederam-se um “período e meio de técnico artesanal”, “período e meio de técnico-científico manufatureiro” e o “período e meio técnico-científico-informacional maquinofatureiro”.

Neste *lôcus*, em cada período, sucederam-se, por sua vez, diferentes interações de gênero, os quais podem ser analisados a partir da configuração de diferentes “circuitos de fluxos socioespaciais” (CARNEIRO, 2006; 2011a), produtores e produto dos meios técnicos de São Bento-PB. Assim sendo, tais meios técnicos são representativos da época, por outro lado, são variados e coexistentes formas de interações sociais mediadas à linguagem pelo trabalho e família realizados no interior da indústria têxtil.

Nesse sentido as interações sociais ou o agir social entre homens e mulheres no processo de produção geral da indústria têxtil local, bem como no interior da unidade produtiva, muda e continua a mudar, passando, pois, por transformações aceleradas, colocando assim, desta forma, o trabalho no centro das discussões de gênero neste *habitat* social em questão.

Antes, porém, de adentrar nesta discussão cabe esclarecer que “Eu emprego o termo ‘agir social’ ou ‘interação’, como um conceito complexo, que pode ser analisado com o auxílio dos conceitos elementares ‘agir’ e ‘falar’. Nas interações mediadas pela linguagem [...], esses dois tipos de ação encontram-se ligados um ao outro” (HABERMAS, 1990, p. 70).

Assim, a interação, deste modo, é um processo profundamente acional, ligado à ação humana e social, a qual, por sua vez, não se realiza no vazio espacial, a base geográfica, aparece, aqui, como condição e meio de sua realização. Carneiro (2011b) tem defendido, assim, uma abordagem espacial da realidade social considerando o espaço geográfico como sendo formado por um sistema de objetos e um sistema de ações orientadas ora para o entendimento ora para o seu sucesso, no intuito de discernir em cada caso, o papel da interação linguística da interação não linguística.

## 2. Linguagem, trabalho e interação no mundo

Compreendemos que este espaço é formado por sistemas de objetos e de ações comunicativas e instrumentais, logo ele pode ser compreendido pelas interdependências e influências entre mundo da vida e o mundo do sistema. Assim sendo, o mundo em sentido amplo, envolveria a sua separação em três, particularidades: o mundo objetivo, o mundo subjetivo e o mundo intersubjetivo (HABERMAS, 2003), sendo que fatos, sinceridade e correção normativa caracteriza cada um respectivamente.

Ao mesmo tempo, porém, teríamos interações variadas entres estes mundos, melhor dizendo, entre os atores sociais no mundo, conforme o uso que fazem da linguagem, da mobilização produtiva de instrumentos técnicos e do pertencimento a grupos sociais. Para tanto, Habermas (1990, p. 12), reforça-nos:

As categorias linguagem, instrumento e família designam três modelos básicos igualmente primitivos de relações dialéticas: a representação simbólica, o processo de trabalho e a interação que tem lugar com base na reciprocidade estabelecem uma mediação entre sujeito e o objeto, cada qual a sua maneira.

Nesse sentido, a interação, por sua vez, pode ser entendida, segundo Habermas (1990, p. 70-71, grifos do autor), como sendo:

[...] a solução para um problema de coordenação: como coordenar entre si os planos de ação de vários atores, de tal modo que as ações de **Alter** possam se engatadas nas de **Ego**? “Ligação” significa aqui inicialmente apenas a redução do campo de jogo de possibilidades de escolha contingentes e conflitantes, tomando uma medida, a qual torna possível um entrelaçamento radial de temas e de ações [...].

De acordo com este pensar, como trabalhar, então, a interação social do ponto de vista espacial? O conceito de tecnosfera ou de meios técnicos é uma possibilidade aberta, aqui, pois a produção e a reprodução material e simbólica do espaço implicam, ao mesmo tempo, em transformações conjuntas da tecnosfera – os objetos – e da psicosfera – as ações. Para Santos (1998, p. 32), “O meio geográfico, que já foi “meio natural”, e “meio técnico” é, hoje, tendencialmente, um “meio técnico-científico-informacional”.

Portanto, esse meio técnico-científico-informacional, no entanto, é muito mais presente enquanto psicosfera do que tecnosfera. Assim, além de uma “densidade técnica”, de uma “densidade científica” e de uma “densidade informacional” o espaço possui, também, uma “densidade comunicacional”, em que, no dizer de Santos (2005), as relações comunicacionais resultam do meio social ambiente e são dependentes da psicosfera sem, neste caso, serem entendidas sem consideração à tecnosfera. Esta psicosfera no âmbito local de análise é, sobretudo, resultante das relações de gênero mediadas pelo trabalho ou do trabalho mediada pelas relações de gênero.

Neste sentido, falando acerca da reformulação do sentido de gênero, na década de 1980, Matos (2008), disse que se deveu à necessidade de distinção e de separação do sexo – categoria analítica marcada pela biologia – do gênero, enquanto construção histórica, social e, sobretudo,

política, que implica numa análise relacional. Assim sendo, Okin (2008, p. 305), por sua vez, explica que “Gênero” refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais, como socialmente construídas”

Ainda nesta discussão, Alain Touraine (2010), com um argumento mais radical dos estudos de gênero, afirma que ele se dá quando seu objetivo subentende a abolição da dualidade entre homens e mulheres, dualidade esta que teria feito da mulher um ser para o homem, como afirmou Simone de Beauvoir em seu livro: “O Segundo Sexo” (1970), acusando que a construção da feminilidade sempre esteve a serviço da dominação masculina ou de uma heterossexualidade hegemônica. Levado a seu rigor, esse argumento subsidia alhures à concepção extrema de que a igualdade só pode ser alcançada nas relações de homens entre si, ou de mulheres entre si. Dito outra forma, nas relações entre homens e mulheres sempre existirão desigualdades.

Para muitos, justifica-se na vontade de dissipar uma imagem de inferioridade das mulheres, dissipando juntamente, tudo aquilo que constitui a identidade e a subjetividade femininas. Para Alain Touraine (2010), este enfoque reflete apenas nossa falta de condições para negarmos que, ainda, estamos fortemente ancorados numa sociedade dos homens, contudo o autor retroalimenta uma proposta bastante sugestiva, o mundo das mulheres. Não como o mundo fabular onde só haja mulheres, mas o lugar onde se possa repensar a “crise vinda de baixo”, da ruptura dos laços sociais, da insegurança, das dúvidas sobre as funções da família, da escola, do trabalho, etc. Ou seja, do lugar onde elas possam iniciar uma construção de si, um mundo em que, possa oferecer igualdade de direitos e não haja oposição à diferença dos gêneros de vida e das relações consigo mesmo.

Na contramão de um engajamento motivado pelo conceito de gênero, que vem desde a década de 50, com os *Gender studies*, desembocando nos dias atuais em: *Os Gender Trouble*, tendo como referência Judith Butler, existe uma constatação de que se houvesse avanços e conquistas no campo profissional e dos movimentos sociais, se a desigualdade diminuiu, um pouco, nas instituições sociais, por outro lado, na esfera econômica: “[...] *pela qual muitos observadores se desinteressam, atualmente as mulheres ocupam um espaço maior do que no passado nos empregos precários ou pouco qualificados*” (TOURAINÉ, 2010, p. 20).

Concomitantemente, Alain Touraine está considerando as categorias étnicas na França, mas podemos aplicar a mesma constatação às mulheres de São Bento-PB que, a despeito das diferentes funções, que assumiram nas diversas fases da indústria têxtil, da sua presença intensa e constante na manutenção e flexibilização do trabalho, a elas são ofertadas as propostas de subemprego, sem garantia das condições adequadas de trabalho, de oportunidades de financiamento, sem o amparo da legislação vigente e, nem mesmo, as atenções mínimas de saúde. Logo, as mulheres que, para conseguirem uma mera aposentadoria, precisam negar sua identidade enquanto pertencentes a este mercado, conforme nos deixou entrever D. Lúcia Floriano, uma das entrevistadas.

O que dizer, então, da contribuição da categoria de gênero para que entendamos as relações de trabalho feminino? O que dizer sobre o pessimismo acerca da situação das mulheres no trabalho e na vida familiar desses estudos? Como dar novos rumos aos trabalhos, que foram tão fortemente marcados em todos os setores das ciências sociais e humanas? Segundo Alain Touraine (2010, p. 21), é importante observar que, tanto do ponto de vista científico, quanto dos movimentos sociais a cerca das mulheres:

Nós não conseguiríamos definir outras vias para assegurar a igualdade e a liberdade às mulheres a não ser aquelas que consistem em reduzir ou suprimir a importância do gênero, noção que, desde que nela se reconheça a marca da dominação masculina, no parece como uma jaula de onde as mulheres não poderiam evadir-se a não ser negando-se como categoria significativa, preferindo a igualdade ao invés da diferença e sonhando com uma sociedade sem gêneros, como outras antes delas tinham sonhado com uma sociedade sem classes.

É difícil aceitar que no conceito de gênero, reside aí um lugar onde “*a maioria das impositões gerais se cruzam*” (TOURAINÉ, 2010, p. 21). Dentre elas, inclusive, a de que nas

ciências sociais tem levado em consideração uma possível ciência das mulheres como sendo apenas um setor especializado e não aquele que dá entrada às grandes questões de nosso tempo, inclusive, voltadas às relações de trabalho. Não obstante, as mulheres de São Bento-PB, elucidaram-nos que as relações de trabalho fazem parte dos interesses precípuos de suas vidas. Ou seja, para elas, interessa-lhes e se lhes entrelaça às questões postas à mesa, à casa, à cama, às redes, ao lazer, à vida, pois seu significado reside no valor que ele tem para a sobrevivência do seu grupo. Logo, ele é o substrato da sociedade, que lhe diz respeito e é assim que, mulher e trabalho se confundem com histórias de vida, que é a história de suas lides.

Em certo sentido, foram elas que nos fizeram entender que as relações de trabalho presentes na indústria têxtil de São Bento-PB e, não o contrário, são as relações de trabalho que evidenciaram as mulheres. Neste âmbito, a fim de tentarmos irromper com um procedimento metodológico que até, aqui, cumpriu o erro de fazer desaparecer a voz das mulheres, de reduzi-las ao silêncio ou manipulá-las em detrimento de categorias mais importante socialmente, ou seja, negligenciaram sua subjetividade. Então, propomos um recorte para fazer dialogar essas duas categorias: mulher e trabalho, outrora secundarizadas, vistas como separadas, principalmente pelo subdimensionamento dado ao papel das mulheres nas teorias trabalhistas. De outra maneira, este é um princípio de integração muito nova, pois se trata, efetivamente, da urgência de reconstruir um mundo, onde há muito tempo esfacelado.

A partir daí, então, podemos entender a participação das mulheres e dos homens no processo produtivo geral e no interior das fábricas e como cada gênero utiliza a linguagem de modo comunicativo, a fim de permitir que ela preencha sua função de reprodução simbólica no espaço por meio de processos de sua socialização. Dessa forma, a linguagem oral assume, assim, um papel crucial na transmissão dos saberes dos pais e das mães para filhos e filhas (Figura 2), ou entre amigos e parentes, adultos e jovens (Figura 3), que contribui para a manutenção do mundo da vida intersubjetivo local.

Figura 2 – Redeira com filhas e filho, comercializando produtos têxteis na “feira da pedra”



Foto: Os autores, 2010.

Figura 3 – Jovem redeira, ao lado de sua filha e avó, “passando mamucaba” em rede de dormir.



Foto: Os autores, 2010.

Neste contexto, a transmissão oral, no entanto, dos saberes das redeiras e da população em função das transformações, que o mundo do trabalho local vem passando desde a década de 1970, através da mecanização fabril, onde há cada vez mais a presença de objetos científicos-informacionais no seu meio geográfico, tem rebatimentos no mundo subjetivo, na construção das personalidades humanas e na formação do próprio Eu.

Dito de outra forma, trabalhando com a noção de representação social para entendimento das questões de gênero, Cyrino (2009, p. 78), destaca que:

Sendo gênero uma construção social, é fundamental o questionamento de representações tradicionais de gênero, que contribuem para que homens e mulheres se percebam de maneira a-histórica, eternizados em determinados comportamentos e atitudes que são interpretados como parte da natureza masculina ou feminina.

Nesse sentido, a objetividade, a intersubjetividade e a subjetividade organizam a produção material e a reprodução simbólica do espaço, devendo estes termos ser entendido, a partir da passagem de seu período técnico artesanal para o atual período técnico-científico-informacional.

Neste ambiente, a construção da identidade pessoal das pessoas envolvidas na fabricação de redes de dormir de São Bento-PB, dá-se diretamente pelo uso da linguagem, sendo assim, desde o século XIX, quando se iniciou a atividade fabril local. Logo, os saberes são transmitidos oralmente e aprendidos nos espaços domésticos, do trabalho e de socialização da vida em geral, tanto por mulheres quanto por homens. Assim, aprende-se no trabalho, seja no lar ou no chão da fábrica, não nas escolas, sendo que o mundo subjetivo é fortemente estruturado pelas condições culturais locais de seus habitantes.

Logo, faz necessário lembrar que, no início, este papel cabia eminentemente às mulheres, que eram responsáveis pela fabricação das redes de dormir.

### **3. Períodos: técnicos artesanal e manufatureiro de São Bento-PB e a proeminência do trabalho feminino**

A produção do espaço local não refletia até, o final da década de 1960, de forma marcante, as contradições do próprio processo desigual de construção, do espaço comandado pelos interesses individuais presentes na divisão social do trabalho, posto que a mesma fosse incipiente. Neste pensar, não havia, ainda, ações hegemônicas locais que pudessem influenciar na produção de um meio, cuja forma representasse a existência empírica dessa desigualdade social. Consoante Carneiro (2006, p. 64):

O período técnico artesanal de São Bento estava caracterizado, na esfera da circulação, da distribuição e do consumo, pela conquista do mercado local e de

uma área maior das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Além da distribuição de forma ambulante nas feiras regionais, no início da década de 1950, principiaram as viagens para outros estados, chegando aos mercados do Ceará, Maranhão, Pará, Piauí, Rio Grande do Norte e uma área maior da Paraíba.

Os teares horizontais, dentre eles o “batelão”, além de apresentarem maiores dimensões em relação aos anteriores, são mais pesados e exigem para o seu funcionamento, grande força física e elevada resistência, o que contribuiu muito para os homens se dedicarem à “primeira fase da produção” (ROCHA, 1983, p. 41). As mulheres passaram, em função disto, a se dedicar à “segunda fase da produção”, também, chamada “fase de acabamento” (CARNEIRO, 2001). Estes teares foram trazidos da cidade de Boqueirão, na Paraíba-PB, onde já eram empregados na fabricação de redes de dormir e incorporados ao território de São Bento-PB, configurando seu meio técnico artesanal em um estágio mais avançado, já prestes a ser substituído por um meio, cada vez mais presente por ciência.

Conforme diz Baudrillard (2002, p. 25), não há espaço sem relação, pois ele só existe em aberto, isto é, expandido mediante correlações de objetos. O espaço de São Bento-PB foi, ao mesmo tempo, a condição e o resultado do processo de inovação técnica produtiva e organizacional do artesanato de redes de dormir, do desenvolvimento do circuito de fluxos inferiores informais da sua indústria têxtil – pequenas empresas – e do seu circuito local e regional da produção, do avanço horizontal do seu meio técnico e, como consequência desses eventos, da organização do seu período técnico artesanal.

Em junho de 1932, resolvi fazer ambulância com redes, a primeira feira foi Pombal, aí tinha um colega de Buqueirão de Cabaceiras, também, ambulante, vendia rede de um pano [...], fiquei admirado de ver aquilo [...]. Em Paulista conversando com o colega me deu uma explicações sobre a tecelagem [...] isto em 1933, resolvi modificar meu tiazinho para um de um pano só, [...]. Em 1938, José Lúcio montou uma fábrica de rede em Pombal, com 6 teares que davam o nome de *batelão*, eu fui olhar a fábrica achei muito interessante, levei logo o pensamento em fazer um, encomendei o pente lançadeira e espola (Depoimento de feirante apud ROCHA, 1983, p. 127-128, grifo do autor).

Para Rattner (1980, p. 27) “a inovação técnica abrange desde a descoberta de novas matérias-primas, a mudança nos métodos de produção, a criação de novos produtos até a substituição dos equipamentos” das empresas. Assim, ocorreu a passagem do período artesanal para o manufatureiro local, a partir, principalmente, deste último tipo de inovação.

Nas interações linguísticas, ou mediadas pela linguagem, a fala e o agir encontram-se ligados um a outro (HABERMAS, 1990). Interação linguística é outro nome, portanto, para agir comunicativo e esta, por sua vez, é uma expressão para informar como a linguagem deve ser encarada enquanto ação e promotora da ação, pois dizer algo implica em fazê-lo, no espaço.

Como salienta Habermas (2009, p. 46):

Não só a sua aplicação, mas já a própria técnica é dominação metódica, científica, calculada e calculante (sobre a natureza e sobre o homem). Determinados fins e interesses da dominação não são outorgados à técnica apenas ‘posteriormente’ e a partir de fora – inserem-se já na própria construção do aparelho técnico; a técnica é, em cada caso, um projeto histórico-social; nele se projeta o que uma sociedade os interesses nela dominantes pensam em fazer como os homens e com as coisas.

Assim sendo, a linguagem é, desse modo, uma condição obrigatória de reprodução do mundo social vivido em São Bento-PB, cabendo as mulheres a transmissão dos saberes orais tanto para as filhas quanto para os filhos, em função de seu domínio do processo produtivo geral de redes de dormir.

Este trabalho feminino no início da produção fabril de São Bento-PB, que era preponderante vai, aos poucos, sendo minado com as inovações técnicas e transformações nas relações de produção, social, cuja principal mudança é a do papel central do homem no processo direto da produção, consolidado com a introdução local, em 1961, da manufatura e sua, consequente, consolidação enquanto sistema de produção no período que segue até, a década de 1970, definido como **período e meio técnico-científico manufatureiro**. Neste contexto, Carneiro (2006, p. 72) a firma que:

A introdução na área de trabalho da manufatura foi o evento que possibilitou a consolidação, de forma definitiva, da divisão social, técnica, produtiva e territorial do trabalho iniciada no período técnico artesanal de São Bento, porém alterando-a significativamente, ao mudar a forma e o conteúdo da produção e organização têxtil.

Merece destacar que, já em 1964, a primeira manufatura local é mecanizada, incorporando assim, portanto, um sistema de objetos mecânicos ao sistema produtivo com rebatimentos sobre as relações de gênero no interior da fábrica. Nesta, a partir de, então, a mulher passa a desempenhar funções complementares, a exemplo de amarrações dos cordões, das “barçadas”, que fazem a trama vertical das redes de dormir (Figura 4).

Figura 4 – Mulheres “emendando barçada” para o tecelão tecer a rede de dormir.



Foto: Os autores, 2010.

Diante disso, é possível identificar, atualmente, em São Bento-PB, um sistema de objetos e de ações orientadas para fins egocêntricos e/ou para o entendimento, que possibilita falar de sua existência, neste espaço, do meio técnico-científico-informacional, ainda que de modo “incompleto” cujo rebatimento atual nos saberes das mulheres redeiras, particularmente, é notório, com implicações nas suas subjetividades.

#### **4 Período técnico-científico-informacional maquinofatureiro de São Bento e os saberes das mulheres redeiras**

“O que caracteriza o espaço geográfico atual? Os objetos que o constituem são objetos técnicos, intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados” (SANTOS, 2005, p. 166). O período técnico-científico-informacional de São Bento-PB, em configuração mais intensa desde a década de 1990, acolhe o novo, um conjunto sistemático de objetos cristalizados na paisagem e no interior das fábricas, sejam elas: pequenas, médias ou grandes.

Logo, a transmissão de saberes, na sociedade têxtil de São Bento-PB, passa desse modo, pela mediação de gênero dentro das classes sociais, as redeiras, os tecelões, os corretores, os proprietários dos meios de produção, a classe trabalhadora que vive do trabalho e a classe burguesa



que, neste caso, apropria-se da mais-valia gerada por aqueles, que vivem do trabalho. O transmitir saberes é, em última instância, a transmissão de classes implicando, grosso modo, na construção do sujeito e do seu mundo pessoal, de um mundo subjetivo que não exclui, portanto, a objetividade do mundo do trabalho.

No seu mais recente livro: “Libertem a Mulher Forte” Clarissa Pinkola Estés (2012), fala de uma mãe totalmente doada, nossa grande mãe ancestral, que demonstra uma generosidade indescritível, se nós a escutarmos ou procurarmos entender tais saberes. Na sua introdução, Clarissa evoca Maria sobre galhos, pássaros, bem como uma colcha moldada para pendurar na cabeceira da cama. Essa mulher, Nossa Senhora, La Nuestra Señora, Nossa Mãe, aparece, então, conhecida por vários nomes e, aqui, nestas aparições, costumam chamá-la de Teresinha (85 anos), Josélia sua filha (37 anos), Lúcia (56 anos), Rita de Jesus (57 anos), Tânia (45 anos), Rita de Pita (74 anos), apresentadas como feitoras de rede, a quem as conheci em junho de 2013, sobre mantos e redes de dormir.

Assim sendo, para percorrer os caminhos fiados por essas mulheres, fomos levados por outras duas: Maria do Socorro, comerciante local, que às primeiras nos conduziu e Clarissa Pinkola Estés, que forneceu os arquétipos para que pudéssemos percebê-las e compreendê-las melhor, sob a imagem central de “Mulher Forte”. Estés (2012), procura comparar várias manifestações da grande mãe com seus diferentes nomes, trajés, cores, nos diferentes lugares que ela rege: nos desertos, nas montanhas, nos rios, nas estrelas. De acordo com Estés, sob o seu olhar, todos são dignos de serem abençoados e de receberem amor: “todas as almas são aceitas, todas têm uma doçura no coração, pois são belas aos olhos, dignas de consciência, de serem inspiradas, ajudadas, consoladas, protegidas mesmo que outros meros humanos acreditem tola e cegamente no contrário”. (ESTÉS, 2012, p.14) É com este olhar, com esta disposição de escuta, que pretendemos apresentar as mulheres redeiras de São Bento-PB, mulheres fortes pela ação do trabalho pesado, que passam um tempo enorme do seu dia criando redes para os outros se balançarem, mas que tiveram de ceder o tempo de balançar as redes dos próprios filhos, alternando as horas dos cuidados e ornamentos, com o trabalho de sustentação da família. Mulheres, muitas vezes, “empunhadas” em seus sentimentos, proscritas a se inserirem na urdidura do trabalho social e, assim, arrastando para o íntimo seus sonhos de amor e de seus mistérios (Figura 5).

Figura 5 – Dona Rita de Jesus, fazendo “empunhando” e “careo” da rede.



Foto: Os autores, 2013.

A despeito dessa mulher vergastada pelos costumes, que teve seus anseios deixados de lado, procuramos visitar a casa de cada uma das redeiras para encontrar, apesar de todos os tecidos, que as escondem, seus jeitos de dar abrigo, de seguir os costumes com perspicácia, de trabalhar com confiança de sua bondade na busca da comprovação, nem sempre visível, de que esta mulher coexiste com outras de força e de punho, que mantiveram a indústria da rede em São Bento-PB, em todos os seus estágios, contribuindo assim, para manter a fabricação de redes de dormir como principal fonte econômica e de identidade cultural da cidade.

Neste percurso, não posso deixar de citar os homens míticos, almas muito extraordinárias vivendo em lugares comuns no dizer de Estés (2012), definição que bem descreve os pesquisadores que me propuseram ter acesso a esses lugares remotos do fazer local. Refiro-me a Basarab Nicolescu (1999) com seu: “Manifesto da Transdisciplinaridade” e o professor do mestrado interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas, Carneiro, meu nobre colega e pesquisador da área interdisciplinar, que escreveu sobre: “**As Semelhanças, Diferenças e Interações dos Circuitos de Fluxos Sócioespaciais de Redes de Dormir do Nordeste Brasileiro**” que me introduziu nesta tessitura, pois foi através da periodização que o mesmo me forneceu que pude entender os liames dessa história.

Com o primeiro, aprendi que a transgressão das fronteiras no campo das disciplinas, além da pluri e da interdisciplinaridade, poderia levar a uma partilha de conhecimento entre todos os humanos, a fim de compreender a verdadeira revolução, que atravessará o século XX e XXI, que é a reintegração das dimensões: material, biológica e espiritual do humano. Para este autor, em sua linguagem transdisciplinar, tudo está estabelecido para uma mutação positiva comparável às grandes revoluções da história. Assim, essa mudança de olhar, provocada pelo desafio da autodestruição, é que nos move a esperança da contrapartida, de um saber transdisciplinar, transpessoal, que enrede sempre o crescimento do outros saberes.

Desse modo, a proposta de um olhar transversal tornou-se um desafio não apenas à lógica científica, mas se tornou um compromisso pessoal de realizar um conhecimento que pudesse ultrapassar o cientificismo e o objetivismo, considerando que as consequências desta amputação científica para os estudos culturais sempre foram incalculáveis. Desde que as leis do determinismo penetraram no conhecimento sobre a realidade, o universo passou a ser uma máquina perfeitamente regulada e previsível: “o universo foi, subitamente, dessacralizado e sua transcendência jogada nas trevas do irracional e da superstição”. (NICOLESCU, 1999, p. 17).

Nesse sentido, o processo de inovação têxtil de São Bento-RN tem como dado explicativo para Carneiro (2006, p. 101), o “sistemismo da técnica”, pois como afirma Santos (1999, p. 140-141), os “conjuntos de técnicas aparecem em um dado momento, mantêm-se como hegemônicas durante um certo período [...] até que outro sistema de técnicas tome o lugar. Essa é a lógica de sua existência e de sua evolução”. É assim que o meio geográfico local, sendo modificado pela incorporação de novos objetos técnicos em substituição aos instrumentos do passado, feitos de madeira, rebatem na relação ainda, hoje, presente de artesanato e trabalho industrial da fabricação de redes de dormir, cujo trabalho feminino, sobretudo, está no cerne da questão.

#### **4.1 Configuração do meio técnico-científico-informacional local e descontinuidade entre o trabalho artesanal e o industrial**

Quando Max Planck confrontou-se no início do século XX, com um problema aparentemente banal da física, estaria por vir uma das descobertas que revolucionou o campo disciplinar da Física. A descoberta do “quantum” de Planck, que, depois, tornou-se fundamento da mecânica quântica. Logo, iria mudar profundamente o conhecimento existente sobre a Física e, concomitantemente, mudar a nossa visão sobre o mundo. No auge do dilema do seu “descobridor”, estava o da sua identidade enquanto testemunho dessa descoberta, o que de fato o levou a um drama interior. Por outro lado, a dimensão de sua descoberta estava em compreender a descontinuidade (quer no plano da Física, quer no plano da existência). Paradoxalmente, foi a descoberta da descontinuidade que tornou cada vez mais conexo tudo o que existe.

Assim, Planck tinha convicção de que os dogmas e as ideologias, que devastaram o século XX, vieram do pensamento clássico da ciência e da física mecanicista. Dessa forma, a revolução da sua ideia, no campo do invisível, consistia em denunciar a realidade visível, o plano de violências e massacres erigidos por este paradigma conquista (BOFF, 2003). Nesse sentido, não é à toa que foi nesse paradigma, que a natureza se oferecia para ser dominada e conquistada, que a feminilidade do mundo foi negligenciada, ultrajada em nome de uma civilização baseada na conquista e na dominação, na eficiência do trabalho e no rendimento de lucros a qualquer preço. Portanto, nas palavras de Nicolescu (1999), temos nessa negligência o prelúdio da autodestruição da escala planetária, que abrange todos os níveis da exigência desde a natureza, a cultura, até à autodescoberta e do autonascimento.

Neste âmbito, a descoberta da descontinuidade no campo da Física exigia um esforço imenso para compreensão de que a capacidade imaginativa habitual da ciência poderia dispor. Como desconstruir os pilares tão bem erguidos da matemática cartesiana e da física newtoniana? Como compreender que a distância entre dois pontos do universo imensurável é o nada? Basarab Nicolescu (1999, p. 21), menciona que:

No mundo quântico as coisas acontecem de maneira diferente. As entidades quânticas continuam a interagir qualquer que seja o seu afastamento. Isso parece contrário às nossas leis macrofísica. A interação pressupõe uma ligação, um sinal e este sinal tem, segundo a teoria da relatividade de Einstein, a velocidade limite: a velocidade da luz.

Salvo as devidas proporções, este foi o meu dilema diante das “Mulheres Fortes” de São Bento-PB, o da compreensão do drama, que elas vivem na tentativa de conciliação de duas lógicas distintas do trabalho: uma manual, artesanal ou manufatureira, convivendo assim, com a outra, industrial. Na verdade, este é um dilema que a modernidade enfrentou (ou ainda enfrenta). Porém, essas mulheres souberam responder o conflito com a lógica da vida. Para explicar a configuração do seu trabalho, o fato de não serem assalariadas, de não terem seus direitos, elas contrabalançam com a recompensa de serem prestadoras de serviço, que permanecendo em casa podem conciliar o trabalho doméstico com o trabalho fabril, somente assim, elas costuram a descontinuidade entre dois tempos e dois fazeres. Em casa, elas podem manter viva a prática do cuidado, da beleza e do acabamento (Figura 6), trabalho que, ainda, não foi mensurado pelo mercado. Então, foram as próprias redeiras quem me explicaram sua lógica de descontinuidade, conforme Lúcia Floriano sintetiza:

Em casa, a gente presta serviço, é bem diferente. Na fábrica, você tem aquela responsabilidade e, aqui, você trabalha no dia que dá certo. Por isso, eu não tenho salário fixo, eu não sei o valor que eu ganho, porque trabalho, assim, faço bico como o povo diz, trabalho e presto serviço, eles vem trazendo e a gente vai fazendo de acordo com o que a gente sabe fazer, acabamento.

Figura 6 – D. Lúcia Floriano desenhando à mão livre no pano de redes de dormir.



Foto: Os autores, 2013.

E foi assim que entre agulhas e linhas, um tecido vermelho pesado de “Gim”, um monte de emantas empilhadas de sua casa (Figura 7). Nesse momento, fui sendo apresentada a D. Lúcia Floriano. Aqui, começou a tecer sua história entre desconfiada e ciosa, já que ela gostaria de mostrar sua arte, mas temia em perder o direito de ser reconhecida a sua aposentadoria. E, eu ali, com a responsabilidade de apresentá-la o mundo e ocultá-la a verdadeira face de mulher redeira, pois D. Lúcia indagou-me cuidadosa se iria publicar os dados na internet.

Figura 7 – Redes de dormir arrumadas, à espera de serem empunhadas.



Foto: Os autores, 2013.

Nesse instante, D. Lúcia Floriano parou de falar para ir até a cozinha, desligar uma panela de comida, que estava no fogo. Tal fato, ao nosso vê, significou uma intensificação da jornada de trabalho (DAL ROSSO, 2006), logo implicando no desgaste gerado pelo excesso de labor, do consumo de energias pessoais e do aumento do esforço despendido pelo trabalhador no seu labor cotidiano. Para D. Lúcia expressava-se um significado adicional ao seu trabalho, que a permite ter menos desgaste afetivo, bem como menos tempo gasto no traslado do trabalho para casa. Portanto,

mais liberdade de fazer seu próprio horário. Assim, a alternância do trabalho público com o trabalho privado permite que as mulheres estabeleçam formas íntimas a esse ócio, completando o sentido criativo que elas atribuem ao seu trabalho e fazendo parecer-lhes que há menos consumo de suas vidas. Para Cyrino (2004, p. 252) cabe:

Lembrar que, quando o trabalho produtivo é realizado no espaço doméstico, o capital, ao explorar a mulher enquanto força de trabalho, apropria-se com maior intensidade dos seus 'atributos' desenvolvidos nas suas atividades reprodutivas, vinculadas às tarefas oriundas de seu trabalho reprodutivo. Dessa forma, além de o capital intensificar a desigualdade de gênero na relação de trabalho, ele acentua a dimensão dúplice de sua exploração, ou seja, explora o trabalho feminino tanto no espaço produtivo quanto depende desse no espaço reprodutivo.

Concordando com D. Terezinha, Josélia, a filha, também, com Lúcia Floriano afirma:

Eu acho melhor trabalhar em casa do que na fábrica. Em casa eu trabalho e faço as coisas. Eu pego às cinco da manhã, aí, paro assim umas dez horas, que pra mim fazer o almoço. Aí, depois volto de uma às quatro. De noite é só descanso, pra descansar pro outro dia né? Se for trabalhar à noite não tem como. Pega um estresse, adoce, aí pronto, aí é pior.

A partir do contato com Josélia, percebemos que, o que mais afeta essas mulheres não são as horas de trabalho dispensadas ao longo do dia, nem o trabalho braçal que requer força e preparação do corpo, mas a aura, a sua identidade. Conforme Estés (2012), as espadas que atravessam o coração de uma mulher não são as que causaram suas feridas abertas, mas as que impõem seus véus. Neste caso, o significado oculto das dores das mulheres redeiras de São Bento-PB é marcado pela ausência dos homens, pela falta de amor que impede afastar a guerra da sobrevivência e viver em constante aprendizado de paz. Assim, notamos em Josélia, a mulher mais silenciosa e oculta, com quem conversamos, contudo ela revela em seu desabafo:

Se tivesse estudado, não tava aqui, nera. Meu marido me deixou. Nunca gostei de estudar. Mas hoje eu to arrependida porque não estudei. Muito arrependida. Casei nova demais. Eu saí do estudo pra casar. Tinha 17 anos. Aí nem estudo, nem casamento. Casei, só passei quatro anos com meu marido. Ele me deixou, foi embora, fiquei com dois filhos, trabalhando.

Depoimento semelhante encontra-se na mãe de Josélia, também, deixou escapar sua amargura:

Não tinha quem me ajudasse em nada, só Jesus, logo eu sofria calada, nunca dizia nada a ninguém, os meus pobrema da minha casa não dizia nada, hoje que eu tô comendo duas vezes eu não vou dizer que não passei fome? – Passei. É triste você caçar nos quatro cantos da casa e não ter nada o que botar no fogo, nem uma xícara de café, você num ter. Tudo isso, eu passei, passei e venci, graças a Deus, hoje tem café, tem de tudo. Num foi só quando eu me aposentei não, porque eu fui trabalhar. Mas dizer que eu não sofri. Eu nunca passei fome na casa de meu pai. É isso mesmo, a gente tendo de passar por uma coisa, passa.

Dona Rita teve três irmãos e duas irmãs, perdeu o pai, ainda, jovem e tomou conta da casa junto com sua mãe. Ao se referir ao único irmão, que auxiliou no lar, ela, também, se ressentida:

Eu trabalhava pra sustentar a casa, foi no tempo que minha irmã morreu e deixou o menino, aí que a batalha foi maior, mãe não podia ajudar, também, e não era aposentada. Aí, lá se foi, era trabalhando de seis da manhã às nove da noite, era fazendo isso aqui e, depois, passei a urdir fio, mas era dentro de uma fábrica. Meu

irmão ajudava, às vezes, não ajudava. Era ele que negociava com rede e eu vivia tomando conta, jogava no meu espinhaço.

No “Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia” Nardi; Tittoni e Bernardes (2002), precisamente no capítulo “Subjetividade e Trabalho”, trazem uma enorme contribuição à análise dessa relação ao alertarem para a necessidade de remetermos à maneira como os sujeitos vivenciam e dão sentido às suas experiências de trabalho, a fim de ampliarmos nossa compreensão da subjetividade. Os autores salientam que a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção. Portanto, ainda que não se possa falar dessas mulheres como sujeitos independentes, podemos analisar suas posturas de adaptação dos modos de agir, de pensar e de sentir. Mesmo que elas não tenham participado dos processos decisivos, que definem o valor de sua produção, suas posturas apontam para o sentido gerador de menos sofrimento e a busca de maior carga de independência e de afetividade no labor. Isso não quer dizer que elas não tenham consciência das suas condições de trabalho, ao contrário, demonstra a consciência de que elas têm do quanto podem suportar no cotidiano.

#### **4.2 Trabalho e subjetividade femininos na indústria têxtil de redes de dormir: tecendo os fios da vida**

Lembra-nos Santos (2002), que nenhum outro objeto social exerce tanto domínio sobre o homem quanto o espaço geográfico, exemplificando sua fala, dentre outros, por intermédio da casa e do lugar de trabalho. Ressaltamos estes dois elementos constitutivos do meio geográfico, próteses territoriais para que possamos entender, o que se tece, em seguida, pois se trata de tessituras sobre um tipo particular de ação, certamente não-hegemônicas, mas fruto das tradições, da manutenção de um mundo da vida compartilhado sobre uma base territorial, cada vez mais, carregada de objetos informacionais, maquinicos.

Assim, o perfil que as mulheres assumem frente às novas configurações do trabalho que está diretamente ligado a uma atitude resiliente (CYRULNIK, 2003; CIMBALISTA, 2006), entendida como a capacidade humana de enfrentar, vencer e ser transformado em situações adversas. Em pesquisa de campo desenvolvida pela tese de doutoramento, Cimbalista (2006), analisa a sobrevivência diária de trabalhadores sob o sistema de produção flexível. O sentido de resiliência dado pela autora representa uma mudança de paradigma, saindo da perspectiva da fraqueza para a capacidade de enfrentamento, instigando o trabalhador à disposição para descobrir em si próprias novas formas de recobrar suas forças, de adaptação a situações de risco, de crises e de esforços despendidos. No caso das “Mulheres Fortes” de São Bento-PB, elas estão diante de uma representação individual e coletiva do trabalho, distante da fábrica, dentro do lar, do seu trabalho, exigindo assim, uma atitude comprometida com o grupo e a sobrevivência da família, adaptação positiva que as mulheres dão ao contexto de alta produtividade no trabalho e na mecanização do processo produtivo.

Em meio às redes que embalam e também protegem das imposições da sobrevivência, vi-me descobrindo os sentidos do trabalho dessas Selvagens (ESTÉS, 1994), que com sua persistência ultrapassaram as diferentes fases da implantação da indústria têxtil em São Bento. Mulheres como Rita de Jesus que se afirmam fortes diante da implantação da etapa mecanicista:

Eu comecei trabalhar com onze anos, eu enchia espola, depois passei pra uma máquina de trancelim, trancelim é os punho, aqui em São Bento só quem tinha era Manoel Lúcio, na fábrica. Todo mundo queria um emprego lá em Manoel Lúcio, na fábrica dele. O primeiro tear de São Bento. Aí de lá eu passei a urdir o fio, na urdideira elétrica, ninguém aqui em São Bento não queria urdideira elétrica, que era serviço de home, eu fui a primeira mulher a aprender a urdir fio, numa urdideira elétrica, depois foi outras colegas minhas, mais duas. Ainda passei quatro anos trabalhando lá. Depois foi crescendo em São Bento e os outros foram

comprando tear, urdideira elétrica e fui fazendo. Os outros era me chamando pra urdir barcada, pra tecer nas urdideira elétrica.

Já Tânia de 45 anos, que possuiu fábrica e comandava vários homens trabalhando para si, ela tece um fio linear da evolução da lógica manual para a industrial:

Desde 5 anos de idade eu comecei. Faz quarenta anos. Eu comecei com minha mãe, né? Eu tinha cinco anos aí eu via ela fazendo rede e eu queria aprender, aí aprendi fazendo entrançado, a primeira coisa que eu aprendi foi entrançado. Aí, depois fui aprendendo fazer varanda, depois mamucaba, aí, depois, quando eu casei, eu botei a máquina de fazer o tecido.

As redes de São Bento-PB ficaram famosas no Brasil e no mundo, conforme demonstrado por Carneiro (2006), especialmente pelo trabalho dos “corretores” – comerciantes de porta em porta – que fizeram o comércio da produção local chegar até os mais vastos rincões do país. De lá até aqui, havia uma lacuna na imensa contribuição das mulheres nos pontos que entrelaçam os fios desse trajeto. Mulheres como D. Terezinha, a mais anciã de todas que deixou transparecer na sua fala a transição da lógica artesanal para a lógica industrial, quando diz que “Eu comecei fazer, trabalhar, fazer rede, fazer varanda, urdir, aprendi fazer varanda, aprendi fazer crochê, sei bordar, costurar, tudo eu sabia fazer, fazia. Aí hoje em dia só faço rede que já tô velha”.

Assim sendo, a degenerescência que ela enxerga como sendo do próprio corpo é, sobretudo, da estrutura que minora o valor do pontilhar, do bordar, do entrançar entre dedos e as agulhas e esmera o tecer das máquinas, compatível com as exigências temporais e mercadológicas da produção industrial. Logo, Carneiro (2009, p. 36) lembra que “A hegemonia de uma dada forma de utilização do tempo pelo homem e pelas formações espaciais, em um dado momento e lugar, tem como dado explicativo a expansão de uma razão própria que impõe às coisas sua lógica existencial ou relacional, a partir de uma forma de pensar, cujo outro é sempre uma forma de agir”.

Ao me apresentar foi logo fazendo a diferença entre a varanda feita à mão e a industrial, D. Terezinha, também, explicou-me sobre a despersonalização do trabalho, a desconstrução de um sentido particular dele em unção do sentido mais coletivo, conveniente com as regras de seu mundo vivido intersubjetivo: “A varanda a gente compra feita. Portanto, é feita nas máquinas, nos teares. Assim, só é feita na mão (Figura 8), aquela que eu fiz para você ver. Dessa forma, tem uma fábrica que faz a varanda (Figura 9). É lá em Dr. Rob”

Figura 8 – D. Terezinha entrelaçando a varanda de a rede dormir sobre máquina de costura.



Foto: Os autores, 2013.

Figura 9 – São Bento-PB: Máquina de tecer varandas



Foto: Os autores, 2010.

De um modo muito sóbrio, D. Terezinha oculta a sua inserção no ramo que é “masculino”, uma vez que ao sair para vender, seria uma atividade masculina, pois nega-me a contribuição, também, à venda e a expansão do mercado. Contraditoriamente, nas entrelinhas da sua fala, ela deixa sobrar alguns cordões, que enlaçam o fio da meada, a saber:

Uma vez, eu fui vender rede em Caicó. Ah, minha filha! As que eu levei vendi bem, logo as redes eram muito bonitas, feitas de ponto cruz, bordadas de ponto cruz. Tanto vendi, como trouxe de encomenda, mas não fui mais lá. É porque eu não gosto, eu não vou não, o que tiver de vender, vendo aqui mesmo. Não dá pra eu vender nem os daqui, quanto mais se eu sair. É muito sofrido o povo que faz feira, né? Depois que ele morreu eu vendi verdura cinco anos, ia buscar em Patos minha filha, o maior sufoco, saía daqui duas horas da madrugada pra Patos. Aí, depois botei um café no açougue, vendi num sei quantos anos esse café no açougue, aí deixei, aí comecei a venda das redes. Aí, fazia rede, eu levava muita encomenda, eu levava pra Patos, aí tinha encomenda, aquelas mulher encomendava, graças a Deus, toda vida, fui do povo gostar de mim, graças a Deus.

Portanto, todas as mulheres com quem conversei deixaram entender que sustentam a família e todas as suas gerações. Sem querer ocupar espaços que não eram seus, mascarando e ocultando seu verdadeiro poder. Tais mulheres ocuparam todas as intermitências que teceram os fios da cadeia da vida. Dona Lúcia, que já reclamou da necessidade de uma aposentadoria, demonstrou sua preocupação com a continuidade das gerações. Mesmo com muitos anos de trabalho, ela continua com o acabamento das mantas e das redes porque precisa manter a família.

Tem dois netos recém-nascidos agora, nasceu dois de uma vez. Tem que ajudar mesmo, tanto financeira, como na diária, tem que ter uma pessoa pra cuidar. Ele já tem cinco filhos esse meu menino. Quem dá o leite dos meninos sou eu, ainda ontem eu fui deixar o leite. Ele ganha pouco, ele ganha só uma faixa de mil reais por mês, aí pra aluguel, água, luz, bujão, leite, porque são quatro meninos de leite lá, dois recém-nascido, outro com dois anos e outro com cinco, é de leite, aí tem que ajudar.



A mesma preocupação se confirma na narrativa de D. Rita de Jesus:

Eu trabalhava pra sustentar a casa, foi no tempo que minha irmã morreu e deixou o menino, aí que a batalha foi maior, mãe não podia ajudar também e não era aposentada. Aí, lá se foi, era trabalhando de seis da manhã às nove da noite, era fazendo isso aqui e depois passei a urdir fio mais era dentro de uma fábrica.

Assim, o trabalho deixa de ser a manifestação de uma arte para se tornar uma obrigação ante as vicissitudes da existência, o que obstrui a consciência de que a mulher a possui de si mesma enquanto criadora. A tal ponto de ser difícil perceber nessa imagem dela, a necessidade do trabalho, bem como a consciência de sua satisfação. Nesse sentido, é assim que o trabalho passa a ser um peso, quando é preciso ceder às definições do sentido de mercado, já que a vida não deu outra alternativa. Logo, manter a vida toma o sentido mais sublime do saber-fazer. Como bem destaca Guaridelli (2012, p. 713-714):

[...] as mulheres, trabalhadoras a domicílio, sob formas subcontratadas e informais de trabalho, ficam fragilizadas, submetidas a extensas jornadas de trabalho, isoladas no espaço doméstico, sem representação coletiva/sindical, produzindo de acordo com as necessidades da demanda do contratante, recebendo salários baixos que são estipulados por peça e sem amparo da legislação trabalhista.

Assim, o trabalho a domicílio passa a ser o lócus de confinamento das mulheres, sob os caracteres da insegurança no trabalho, do desprestígio, do isolamento e da segregação ocupacional expressa nas relações de gênero. Isso resulta em dificuldades no que tange à mobilidade social do sujeito feminino e reforça as assimetrias ocupacionais e salariais entre homens e mulheres.

Por conseguinte, este retrato não é muito diferente da indústria de redes de dormir de São Bento-PB. Pois, a feminização do mundo do trabalho é por certo positiva, uma vez que permite avançar o difícil processo de emancipação feminina, principalmente em relação ao espaço doméstico. Mas, não podemos esquecer de que ela vem negligenciando, significativamente, a sensibilidade da mulher trabalhadora. Analisando os estudos existentes acerca da temática Cyrino (2009, p. 75), constata que “A partir de uma abordagem histórica, as pesquisas revelam que, de maneira geral, a situação da mulher melhorou, com a conquista de novos espaços de participação e direitos mais efetivos de cidadania. Entretanto, outras pesquisas enfatizam as dificuldades encontradas, os pontos de resistência e os aspectos mais negativos deste processo”.

Esta realidade descrita sucintamente e analisada em detalhes, revelam que o meio técnico-científico-informacional de São Bento-PB está incluído numa “ordem global” que, no entanto, coexiste com uma “ordem local”. Assim, Santos (2005, p. 17, grifo nosso), diz que “A ordem local é associada a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e, como territórios, regidos pela **interação**”.

## 5. Considerações finais

O que caracteriza e difere o período técnico atual de São Bento-PB dos anteriores é que a competição está se configurando com o concomitante crescimento da cooperação, ou como defendemos, a produção de seu espaço foi e está sendo moldada por um sistema de ações orientadas instrumentalmente através de um sistema de ações orientadas para o entendimento, cujo papel de cada qual tem sido e é variável, segundo os momentos dessa produção, bem como internamente aos vários momentos da produção têxtil.

Este espaço deve se impor por meio do agir comunicativo ou das ações orientadas para o entendimento mútuo, porém estas não deverão excluir as ações orientadas para um fim, que passaram a ter a sua posição subvertida nas interações entre a produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB, subordinando-se àquelas. Neste processo, a questão de gênero pela presença marcante dos homens no processo direto e das mulheres no processo geral de

fabricação de redes de dormir deve ser considerada pela promoção de espaços públicos de discussão sobre os problemas que as inovações tecnológicas e organizacionais trazem para suas vidas, a forma como trabalham e se relacionam.

Cascudo, em seu livro: **Redes de dormir** revela-nos sobre a elaboração de redes de dormir que, “A tradição, [...], entrega este labor às mulheres e no sertão, antes do surto industrial de sua fabricação, o encargo das redes era ofício feminino” (2003, p. 28). Carneiro (2011), recentemente mostrou que a tecelagem de redes de dormir é ofício majoritariamente masculino, hoje, nos espaços de fabricação de redes de dormir mais modernos do Nordeste brasileiro, a exemplo de São Bento-PB, Jardim de Piranhas-RN, Jaguaruana-CE e Tacaratu-RN.

Por outro lado, articulando a linguagem da entrevista, o afeto e a comunicação produzidos pelo trabalho vivo das mulheres, concluímos que a subjetividade da vida cria novos valores que atravessam a construção de um novo olhar sobre o trabalho feminino. Enxergamos nessas mulheres a conjugação dos saberes, ainda, pouco valorizado no mundo do trabalho e da tecnociência. Como vimos, seus saberes permitem resolver problemas de ordem material e imaterial, utilitária e artística, subjetiva e objetiva. Com as Mulheres de São Bento-PB, pudemos aprender um saber próximo à intuição e ao cotidiano e, com isso, almejamos alçar uma proposta de consciência científica mais próxima da lógica do sensível.

Para Maldonato (2001, p. 17) com a “experiência vivida”, devemos substituir o penso, logo êxito cartesiano, pelo “sinto algo, logo existo” no encontro com o Alter e com o mundo. Assim, as mulheres redeiras perderam espaço para seus ornamentos porque não encontraram espaço de produção para eles. No entanto, através da experiência da vida conseguiram religar suas aptidões humanas e expressar a sua responsabilidade frente à continuidade do grupo e da vida, padrões que podem nos levar a estabelecer um novo humanismo, fortalecido diante do progresso desordenado e enriquecedor apenas da técnica.

Nas reflexões do livro: *Podemos Viver Juntos? Iguais e Diferentes*, Touraine (1999) chega ao tema da relação entre homens e mulheres para pensar a noção de sujeito pelo elo da igualdade e da diferença. Apropriando-se dos termos desse autor, podemos analisar as relações de trabalho diferenciadas para homens e mulheres. Assim, escutando melhor suas mulheres informantes, Touraine chega à conclusão de que elas têm mais capacidade de unirem o público e o privado, o que faz com que suas posições sejam mais interessantes e mais vivas. Nesse sentido, as reivindicações de trabalho para as mulheres não devem ser pensadas em termos de paridade, mas de diversidade, de diferença que estimula a criatividade.

Em nenhum momento, as mulheres redeiras afirmaram serem dominadas pelos homens. Ao contrário, elas agiram e se mantiveram apesar deles, com eles ou sem eles, viúvas, abandonadas, descasadas, elas deram continuidade ao trabalho como conquista da sua liberdade de ser. Ao que os estudiosos indicam, a partir das revoluções do século XX, estamos caminhando para um mundo feminino, não como dominação, mas como recomposição do mundo violentado, esfacelado e opositor das lógicas do racional e não-racional. Nessa perspectiva, os homens que são vistos como racionais e as mulheres como irracionais, podem ser vistos a partir da aproximação dessas categorias separadas, pois assim como as mulheres desejam ter uma vida profissional vitoriosa, que se completa com vida afetiva e familiar ricas, os homens, de hoje, também, sentem-se aprisionados no seu mundo profissional dominado pela racionalidade instrumental.

Portanto, as mulheres de São Bento-PB, mostraram-nos que esse mundo não é uma utopia e que é possível conciliar a subjetividade do trabalho com o universo afetivo. O papel do lugar e por tabela a interação, pois lugar é a comunicação, logo é central neste projeto, como afirma Maldonato (2001, p. 20) “[...] apesar das mudanças dos tempos, da época e das tendências, o espaço de encontro ainda é para a identidade um imenso recurso teórico e empírico. Será assim, também, quando espaço, tempo e mundo forem abissalmente diferentes dos atuais”, isto é, quando o meio técnico-científico-informacional ultrapassar sua atual configuração e a indústria têxtil sofrer, então, novíssimas inovações técnicas, produtivas e organizacionais, quando mudar, portanto, o papel do trabalho e do gênero nele.

## 6. Referências

- BAUDRILLARD, J. **O sistema de objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo. Fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.
- BOFF, L. **Ética e Moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CARNEIRO, R. N. **A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinofatura**. 2001. 58 f. Monografia (Graduação em Geografia). – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2001.
- \_\_\_\_\_. **Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento–PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional**. 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- \_\_\_\_\_. A natureza do espaço numa perspectiva comunicativa ou pública. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 33-46, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewArticle/4959>>. Acesso em: 03/09/2010.
- \_\_\_\_\_. **As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos sócioespaciais de redes de dormir do Nordeste brasileiro**. 2011. 100 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011a.
- \_\_\_\_\_. O espaço como um sistema de objetos e um sistema de ações orientadas para fins e para o entendimento. **Geografia (UFPI)**, Ano 9, n. 32, p.1-20, abril de 2011b.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.
- CIMBALISTA, S. Reflexões sobre o trabalho e a subjetividade de trabalhadores resilientes sob o sistema de produção flexível. In: **Revista da FAE**, Curitiba, v. 9, n. 2, p.13-28, jul./dez. 2006.
- CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 66-92, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/8859>>. Acesso em: 22/06/2013.
- CYRULNIK, B. **Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- DAL ROSSO, S. **Intensidade e Imaterialidade do Trabalho e Saúde**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 65-91, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r126.pdf>>. Acesso em: 01/03/2014.
- ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Libertem a Mulher Forte**. O amor de mãe abençoada pela alma selvagem. Rio de Janeiro, Rocco, 2012.
- GUIRALDELLI, R. Adeus à divisão sexual do trabalho? Desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, p. 709-732, set./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v27n3/14.pdf>>. Acesso em: 22/06/2013.
- HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Técnica e ciência como ideologia**. Portugal: Edições 70, 2009.

- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em:  
<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=25&dados=0>>. Acesso em: 22/06/2013.
- MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, mai./ago., 2008. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9369>>. Acesso em: 29/06/2013.
- NARDI, H; TITTONI, J; BERNARDES, J. Subjetividade e Trabalho. In. CATTANI, A. (org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes: 2002. p. 302-308.
- MALDONATO, M. **A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação**. São Paulo: Petrópolis, 2001.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- NOGUEIRA, C. M. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. In: ANTUNES, R; SILVA, A. M. (Org.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 243-284.
- OKIN, S. M. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, mai./ago., 2008. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9368>>. Acesso em: 27/06/2013.
- RATTNER, H. **Tecnologia e sociedade: uma proposta para os países subdesenvolvidos**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- ROCHA, J. B. V. da. **São Bento: estudo sobre a manufatura de redes-de-dormir**. João Pessoa: CGS, 1983.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O Mundo das Mulheres**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.